

Falta de pessoal adia as cirurgias do HRC

Internada desde a última quinta-feira no Hospital Regional da Ceilândia, Isabel Pereira estava com a cirurgia que retiraria seu útero marcada para ontem de manhã. No horário previsto, Isabel foi levada para a sala de cirurgia, onde permaneceu por mais de uma hora esperando pelo médico que faria a operação. Na falta do médico, Isabel retornou para o quarto, sem que a cirurgia se realizasse.

Médicos e suas escalas de serviço e de plantão foram os maiores problemas detectados, ontem, por uma equipe de nove representantes da Secretaria de Saúde, responsável pela fiscalização das condições do Hospital Regional da Ceilândia. A equipe foi dividida em pequenos grupos, ficando cada um deles encarregado da observação dos vários serviços oferecidos pelo hospital.

De acordo com Guilherme Jorge da Silva, chefe da Auditoria da Secretaria de Saúde e encarregado da fiscalização da parte de pessoal, os profissionais de nível superior do Hospital da Ceilândia, muitas vezes, não comparecem ao trabalho. A desorganização nas escalas de serviço foi também observada. "As trocas nos horários das escalas são feitas entre os próprios médicos, sem o conhecimento da chefia e sem obedecer às normas da Fundação Hospitalar, quanto ao prazo para que as trocas sejam feitas".

Já o diretor-executivo da Fundação Hospitalar, Hilton Barroso, responsável pela fiscalização do fluxo de atendimento, observou a permanência prolongada e "desnecessária, muitas vezes", de alguns pacientes internados. "Na maioria

dos casos, a permanência do paciente ultrapassa as condições médicas e passa a ser uma questão social. Algumas pessoas ficam no hospital pelo simples fato de não ter para onde ir e nem o que comer. Ficar internado torna-se uma opção de sobrevivência".

O problema, segundo Hilton Barroso, é que a internação prolongada e desnecessária impede a abertura de vagas para outros pacientes. "É preciso agilizar o processo das altas, desde que elas não prejudiquem o paciente. Alguns tratamentos podem ter continuidade na própria casa do paciente", disse Hilton.

Para solucionar a questão social dos pacientes internados, Hilton Barroso referiu-se ao trabalho de uma comissão organizada pelo núcleo normativo da Secretaria de Serviço Social. Segundo ele, através de entendimentos com entida-

des diversas da sociedade, poderá ser encontrada uma maneira de absorver esses pacientes. "Poderia ser feito algo parecido com as casas de apoio existentes em outros estados, para onde os pacientes seriam levados e assistidos".

Mas apesar dos problemas, a chefe de gabinete da Secretaria de Saúde, Maria Célia Delduque Nogueira, considera o Hospital Regional da Ceilândia em condições satisfatórias no que se refere à limpeza e suprimento de material. "A farmácia está abastecida, faltando apenas os antibióticos de última geração, o que já é um problema geral de mercado. No mais, as queixas de sujeira não têm fundamento. Todas as macas estão com os lençóis limpos e a lavanderia está cheia de outros em perfeitas condições de uso. Fizemos apenas algumas recomendações para que os lençóis, depois de encaminhados à lavagem, fossem, na volta, novamente contados".